

31 JUL 1982

O GLOBO

# Sarney não considera retrocesso político adoção do voto domiciliar

RECIFE (O GLOBO) — O presidente nacional do PDS, senador José Sarney, afirmou ontem que não considera “um retrocesso político” o voto domiciliar, caso o Governo opte pela sua adoção. Disse que a atenção da classe política em relação às próximas eleições deve se voltar para a redução dos votos nulos, que podem comprometer a validade do pleito.

Sarney acrescentou que desconhece qualquer projeto em tramitação na Câmara dos Deputados instituindo o voto domiciliar. Considera “uma certa deformação” dizer que a proposta do deputado Luiz Vasconcelos tem esse objetivo.

— O voto é direto, secreto e universal — disse Sarney — e só poderá ser exercido na hora da eleição, na cabine indevassá-

vel, e sob a presidência de pessoa designada pelo Justiça eleitoral.

## CÉDULA ELEITORAL

Ele afirmou que o modelo de cédula eleitoral é um problema de difícil solução, que está preocupando a classe política de um modo geral. Acredita, porém, que as lideranças partidárias encontrarão uma saída no início da próxima sessão legislativa.

Sobre a reforma da Lei Falcão, o presidente do PDS disse que o assunto está entregue ao Ministério da Justiça. Acrescentou que o PDS já tem posição definida: o tempo destinado aos partidos políticos deverá ser proporcional às bancadas de cada um no Congresso.

## PERDA DE CONQUISTA

O vice-líder do PDS na Câmara, deputado Djalma Bessa, afirmou em Salvador que o retorno do voto domiciliar “significará a perda de uma conquista, que é a da

cédula oficial”. Disse que o estabelecimento da cédula única oficial foi uma vitória política do passado, embora reconheça que o voto domiciliar “evita grande número de votos nulos e em branco”.

Dizendo-se “preocupado” com o atraso na definição do modelo da cédula única, que “deixará um tempo muito curto para o eleitorado aprender a votar”. Djalma Bessa admite que houve falha dos congressistas, “que deveriam ter aprovado a matéria com uma antecedência muito maior e não deixar para implantá-la tão próximo das eleições”.

Em resposta à afirmação do vice-presidente do PMDB nacional, senador Tancredo Neves, de que o Governo e o PDS temem as críticas da oposição, Djalma Bessa disse que “isso não ocorre”.

— O Governo é criticado várias vezes por dia na Câmara, e nós o defendemos muito vontade, porque sabemos que o papel da oposição é criticar. Nós não tememos as críticas, mas condenamos a crítica infundada, os excessos verbais e os exageros. Nós e a nação toda — concluiu.